

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
BRUNA LAÍS CASTILHO

A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

CASCABEL

2020

BRUNA LAÍS CASTILHO

A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professora Orientadora: Jussara Chagas de Lima.

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

BRUNA LÁIS CASTILHO

A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Especialista Jussara Chagas de Lima.

BANCA EXAMINADORA

Jussara Chagas de Lima
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Ione Maria Piazza Hilgert
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Mestre

Jean Carlos Coelho
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Cascavel/PR, 20 de outubro de 2020.

A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

CASTILHO, Bruna Laís¹
LIMA, Jussara Chagas de²

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade analisar os processos de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, destacando a importância da afetividade neste processo e o quanto este fenômeno é necessário para a formação integral da criança. O professor educador precisa repensar o seu agir e reformular suas ações, objetivando tornar a escola um ambiente democrático e de construção de valores. Sabe-se que ensinar é um processo de imortalidade, ou seja, de alguma maneira continua-se a viver naqueles cujos olhos estudaram para ver o mundo pela magia da palavra, sendo papel do professor mediar o conhecimento. Para tanto, foram realizados estudos de cunho exploratório e bibliográfico, por meio de leituras em artigos científicos, livros, entre outros, tendo como referência alguns autores como: Wallon (1995), Vygotsky (1998), Rubem Alves (2000); abordando a questão da afetividade na educação, onde muitos são os desafios tanto para o docente quanto para o aluno. Tal relação pode ser entendida como uma ampla possibilidade de linhas e trajetórias, nas quais fazem parte não somente histórias individuais, mas principalmente coletivas, traçando assim, novas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Mediação. Construção. Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade é algo essencial para a construção de um processo de ensino-aprendizagem eficaz. Por outro lado, o conceito pode ser entendido de diferentes maneiras e, devido a tal fluabilidade teórica, muito se pode perder em sua operacionalização. Antes de qualquer reflexão mais rigorosa ou aprofundamento sobre o tema ao qual este artigo se propõe a trabalhar, torna-se, portanto, necessário entender em que medida o conceito de afetividade e seus aplicativos são compreendidos pelos autores que já trabalham com o tema, em busca de um maior rigor conceitual. A afetividade não se restringe ao contato físico, ou apenas à explanação de frases que expressem sentimento em relação ao aluno. A afetividade vai além, é uma demonstração de cuidado e atenção.

Essa atenção e cuidado são demonstradas não só na relação direta com o aluno, mas também com a escolha das metodologias a serem utilizadas, objetivando promover uma aprendizagem e aquisição de conhecimento mais significativa para os educandos. Esses cuidados têm, inclusive, maior impacto no sentimento de elevação da autoestima e confiança

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: brunalais.bc@gmail.com.

²Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: jussaralima@fag.edu.br

do aluno do que a própria declaração verbal de elogios. Autores do âmbito da Psicologia da Educação, os quais destacam-se: Wallon, Piaget e Vygotsky, que valorizam a questão da afetividade no desenvolvimento cognitivo e na aquisição do conhecimento.

É de suma importância lidar com o tema da afetividade no panorama sociocultural que se delineia nos tempos contemporâneos, sobretudo por uma questão basilar: o desmantelamento das estruturas-base das crianças e jovens que adentram o universo escolar, sedentos de atenção e, principalmente, de entendimento, trato e comunicação.

A afetividade surgiu fundamentada em interface com a práxis pedagógica, por meio da indicação de diversas áreas do conhecimento humano, em busca de colaboração para o tão importante vínculo entre ensino e aprendizagem.

A Psicologia, especialmente, oferece diversas perspectivas pelas quais mostra o papel essencial da afetividade que, gerida com eficácia, se consubstancia em maduros frutos, colhidos pelo docente em sua lida diária. Julga-se, portanto, que a afetividade se estabelece diante daquele que se apresenta a trabalhar com a relação entre ensino e aprendizagem de maneira peculiar. Conhecer com mais propriedade os mecanismos e engrenagens da afetividade na relação entre docente e discente é, sem dúvida, aumentar as chances de êxito em tempos complexos como os atuais, nos quais as relações hierárquicas e de autoridade se encontram reduzidas e, muitas vezes, anuladas.

É importante discernir como a afetividade, no cenário pedagógico complexo, se configura como elemento essencial para o estabelecimento de uma prática docente eficaz. Para tal, desdobra-se a necessidade de investigar as principais teorias a partir das quais o tema da afetividade se coloca, rastreando nelas pontos de contato, além de descrever as implicações teórico-metodológicas do fazer docente arraigado nos pressupostos marcados pela afetividade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Souza (2015), por prática pedagógica entende-se as relações professor aluno; aspectos metodológicos; avaliação; epistemologia do que é educação e do que é escola. Essa prática exige uma constante reflexão do docente para poder intervir na sociedade e no contexto educacional.

Corroborando a ideia, Sacristán (2018) ressalta que todos possuem internamente vivências práticas sobre a vida e de como as coisas funcionam, principalmente àquelas

correlacionadas ao ensino, de como o conhecimento é transmitido e recebido. Portanto, fica evidente a contribuição que a prática docente tem na formação dos alunos. Para contextualizar as práticas pedagógicas hoje ou em qualquer que seja a circunstância, é preciso primeiro analisar algumas características que acabam fazendo parte desta terminologia e que muitas vezes não são verificadas.

É necessário, a priori, analisar os contextos de formação econômica em que se está inserido, também as relações culturais e sociais para começar a compreender as práticas pedagógicas. Tal prática, segundo o autor, também pode funcionar como uma via de mão dupla, possibilitando que sua utilização cause uma transformação positiva no discente ou apenas funcione como um reservatório de conhecimento, na qual o professor apenas 'despeja' o conteúdo e não traz para o contexto uma reflexão do que se está trabalhando em sala de aula.

No ambiente escolar o uso da reflexão, da gestão democrática, dos processos de participação e de pesquisa acabam contribuindo para reestruturar as práticas pedagógicas em sala de aula. Quando o docente faz uso destas características para planejar suas aulas, essas peculiaridades o auxiliam a superar a alienação de seus alunos e conseqüentemente formar uma sociedade menos controlada (SOUZA, 2015).

Segundo Neira (2014), no ensino infantil, deve-se iniciar e organizar uma prática partindo do pressuposto que o docente deve agir como um mediador das relações e experiências que cercam as crianças, que possibilitarão um desenvolvimento gradativo para trabalhar aspectos, como: tomada de decisão, elaboração de regras, justiça, cooperação, solidariedade, respeito a si próprio e ao próximo.

Ainda com relação as práticas docentes, os autores Oliveira e Formosinho (2014) destacam a necessidade desta prática na educação infantil ter uma proposta de ação participativa. A relação entre o professor e aluno é importante para a ampliação dos contextos culturais em que a criança está inserida. Vale ressaltar que esta transformação acontece por meio de um professor mediador que utiliza alguns recursos em suas aulas que conseqüentemente, acabam favorecendo a construção dos saberes das crianças, sempre vinculando com a realidade cultural, material e da compreensão já existente do mundo que as cercam.

Por conseguinte, a viabilização de oportunidades e de experiências são consideradas também um eixo central na prática docente por despertarem o interesse dos alunos e contribuírem para sua formação. Entende-se que o profissional de educação infantil, são os profissionais que lidam com as crianças, tais como agentes educacionais, berçaristas, recreacionistas, professores, e devem ter a sua prática consciente, planejada e pensada com base

em uma mediação afetiva. A ação desse profissional pode contribuir para que o aluno estabeleça relações com o mundo.

2.2 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Estudos asseguram que a afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza. A construção dos conhecimentos resulta das interações de natureza histórica, social e biológica que se estabelecem no cotidiano, de modo que se torna necessário aprender a lidar com a dimensão afetiva como se aprende a lidar com outros aspectos de natureza cognitiva, como a escrita e as operações matemáticas. Por esse motivo, Saint-Laurent, Giasson e Royer (2015) afirmam que o professor não pode negligenciar a afetividade na relação educativa.

Conforme Araújo (2015); Tognetta e Assis (2006), a sintonia, as relações afetivas e cooperativas, a solidariedade, a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares. Com efeito, mediante um estudo de caso sobre uma criança de nove anos com dificuldades de aprendizagem em língua escrita, Araújo (2012) conclui que a interação com o educador pode transformar a dificuldade de aprendizagem em melhores resultados escolares. Nesse caso, o aluno superou as dificuldades e teve sucesso nos exames.

Testerman (2006) constatou que uma conversa de quinze minutos por semana, com cada aluno em situação de risco, contribuiu para o sucesso escolar. Embora reconheça a dificuldade de avaliar até que ponto uma relação de afetividade pode se revelar positiva, ele assinala que, quando os professores conseguiram estabelecer essa relação, mudanças positivas nos alunos eram constatadas: mais motivação para preparar os trabalhos, mais satisfação e alegria, mais interesse pelos estudos e para que o sucesso escolar fosse alcançado.

Por outro lado, Araújo (2015) e Camargo (2017) chegam à conclusão de que os sentimentos negativos interferem desfavoravelmente e comprometem o processo de aprendizagem da criança com dificuldade.

2.3 A FORMAÇÃO AFETIVA DOS PROFESSORES

O papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que

possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas, os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes. Entretanto, tudo indica que a grande maioria dos professores carece da formação afetiva. Para Amorim e Castanho (2018), uma formação que vise os aspectos humanos, relacionais e estéticos é indispensável ao exercício do magistério.

Cunha (2015) nega a ótica cartesiana rígida, que desvincula o racional das emoções e sentimentos, ao mesmo tempo em que propõe que a formação dos professores tenha como referência uma visão de totalidade que inclui razão, emoção, historicidade e cultura. Alguns autores creem ser necessário formar o educando numa abordagem pessoal e de maneira vivencial, ou seja, a partir do encontro humano, do contato direto. Esses autores apontam, assim, a necessidade da construção de saberes relacionados à dimensão afetiva, por parte dos professores, de maneira efetiva, considerando um sério problema a omissão de estudos relacionados à afetividade nos currículos de formação.

2.4 A DIMENSÃO AFETIVA NO ENSINO

Apesar de os estudos que tratam das relações afetivas entre professores e alunos analisarem diferentes aspectos, eles chegam à mesma constatação: as dificuldades de aprendizagem dos alunos se constroem na sala de aula, na interação pedagógica e são o resultado do não ajustamento entre eles e os professores. Muitas pesquisas mostram que a afetividade é mais negligenciada pelos professores dos níveis mais avançados, os quais são impregnados de emoções relacionadas ao poder e aos conteúdos cognitivos serem considerados mais importantes. No entanto, garante Rios (2016, p.131), "despojada do sentido romântico de que é revestida, às vezes, a afetividade traz cor e calor à prática educativa".

Alguns estudiosos reconhecem que existe autoritarismo por parte do professor, o que pode influenciar o desinteresse, a inquietação e a agressividade por parte dos estudantes. Por exemplo, os estudos de Andrade (2015) atestam que os professores excessivamente autoritários buscam, frequentemente, por todos os meios, impor o seu poder:

Presenciamos cenas em que a professora batia nos braços dos alunos usando régua. Vimos alunos serem colocados de castigo, na frente da sala, de costas para os colegas. Observamos alunos ficarem sem recreio, ou permanecerem depois do término do horário também como castigo (ANDRADE, 2015, p.10).

Mesmo nos cursos de formação de professores, no ensino superior, a exacerbação do autoritarismo do docente é ainda recorrente. A avaliação quantitativa - baseada em padrões que valorizam os produtos e deixam de considerar os aspectos qualitativos da aprendizagem dos

conteúdos - e a reprovação aparecem como resultado do autoritarismo do professor e da falta de diálogo entre os sujeitos da prática educativa. Ali, dificilmente se verifica o sentido buberiano de diálogo, o qual implica o encontro mútuo, no amor, no reconhecimento e na aceitação do outro como parceiro (BUBER, 2015).

A relação afetiva professor-aluno pode se exprimir de maneira perversa quando, por exemplo, um professor, para manter o controle da classe, permite a um aluno, que é seu aliado, agredir seus pares, humilhando e ridicularizando, diante de toda a classe, as crianças que chegam atrasadas (ANDRADE, 2015). Convém assinalar, todavia, que essas cenas representam um excesso de autoritarismo e de intolerância por parte de professores e que elas podem constituir casos isolados não representativos daquilo que se passa habitualmente no cotidiano da maioria das salas de aula.

Souza (2017) apresenta um outro exemplo. Convidado a intervir numa sala de aula do ensino fundamental, na qual os alunos eram considerados, pelos educadores, indisciplinados, mal-educados, rebeldes e negligentes, ele escolheu o desenho como estratégia para abordar os alunos a propósito de seus sentimentos com referência ao que se passava na classe. Os desenhos das crianças representavam situações constantes de insatisfação mútua, de agressão, de punição e de indisposição física.

Situações semelhantes são encontradas em outros países, Hess e Weigand (2015) e Moll (2019) testemunham que, na França, os professores substituem os antigos castigos corporais por outras formas de agressão contra seus alunos, como ameaças, humilhações e o terror das notas. Ainda, Hess e Weigand (2015) citam, entre muitos exemplos, que uma professora leu na classe, para ridicularizar um aluno, uma carta escrita por sua mãe com erros ortográficos e estruturais na língua escrita, o que representou ‘uma tortura’ para a criança.

Os estudos trazem clareza sobre a importância e a sutileza das relações afetivas na ação dos educadores. Esses estudos mostram que a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. Apesar da importância atribuída pelos autores ao papel da afetividade na aprendizagem e na formação dos professores, ela parece não ter um lugar importante na prática do ensino. Na busca de uma explicação para essa lacuna explora-se o lugar da afetividade no discurso oficial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos teóricos apresentados no estudo, muitas indagações são trazidas sobre o tema afetividade na educação, onde se apresenta como algo emocional para a edificação de um processo de ensino-aprendizagem sendo eficaz, não somente para os alunos, mas para todos da escola.

O afeto é ter respeito pelo próximo, pois a escola como uma instituição educativa, carrega papéis e valores de extrema importância para um ensino mais qualitativo, para a formação integral do aluno, o docente não vai apenas despejar os conteúdos, mas sim mediar e construir através da vivência de seus alunos, aulas e momentos mais saudáveis para que os mesmos possam se sentir acolhidos não só pelos docentes, mas pela escola como um todo, pois o estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato que passa o cotidiano, mas deve envolver um processo de construção.

Oliveira e Formosinho (2014), citam que existe uma necessidade da prática na educação infantil para que se possa ter uma ação transformadora entre a relação professor e aluno, isso acontece quando o docente traz consigo uma metodologia mais avançada com um olhar mais abrangente e mais lúdico sempre atentando para realizar atividades da realidade dos educandos, facilitando assim o ensino-aprendizagem.

Partindo dessa reflexão, tudo começa em casa. A estrutura familiar é a base para essa criança, então ela vai para a escola aonde não tem percepção nenhuma de mundo, é então, que entra o professor com suas técnicas e suas especificidades, com afeto e respeito, afinal cada criança tem seu tempo, cada um aprende de forma diferente e cabe ao docente observar e trazer conteúdos mais simplificados e mais abrangentes para a sala de aula na qual está inserido.

Sendo assim, como citado no decorrer do estudo, o papel do professor tornou-se muito mais desafiador, pois deixou de ser um repassador de informações e conhecimentos e se reconhece como um companheiro do aluno onde ele tem voz em sala de aula, os educandos agora possuem total liberdade para expressar-se, tirar suas dúvidas, conversar com o professor sobre algo que os afligem, essa é uma construção diária da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Limites e Afetividade**. In: PEREIRA, G. A. Canoas: Editora Ulbra, 2000.

AMORIM, V. M.; CASTANHO, M. E. **Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação**. Campinas: Papirus, 2018.

ANDRADE, L.B.P. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Filosofia da práxis e ensino integrado: uma questão ético-política**. São Paulo: Papyrus, 2015.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Centauro, 2015.

CUNHA, M. I. **Sala de aula: espaço de inovações e formação docente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

FORMOSINHO, J. O. Avaliação holística. A proposta da pedagogia - em - participação. **Revista Interações**. Vol. 10, n. 32, 2014, pp. 27 - 39.

HESS, R., & WEIGAND, G. (1994). **La relation pédagogique**. Paris: Armand Colin. In: HILLAL, J. Relação professor- aluno: formação do homem consciente. São Paulo: Paulinas, 2015.

MOLL, J. **Relation éducative**. Paris: Hachette Éducation, 2019.

NEIRA, Marcos Garcia. **Cruzando fronteiras: o currículo multicultural e o trabalho com diferenças em sala de aula**. Lantuna, Santiago (Cabo Verde), v. 1, 2014.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2016.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: uma Reflexão sobre a Prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

SAINT-LAURENT, L; GIASSEN, J.; ROYER, E. **Stabilité affective et rendement scolaire**. Vie pédagogique, 2015.

SOUZA, E. C. L. L. **Relação professor-aluno: subjetividade e objetividade na sala de aula**. Anais da XXV Reunião Anual da ANPED. Caxambu, MG, 2015.

TESTERMAN, J. **Holding at-risk: the secret is one-on-one**. Phi Delta Kappan, 77 (5), 2016.

TOGNETTA, L. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**. Mercado de Letras/FAPESP.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.